Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

CONTOS POPULARES E AUTOCONHECIMENTO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA POSSÍVEL

POPULAR TALES AND SELF-KNOWLEDGE IN TEACHER TRAINING: A POSSIBLE AESTHETIC EXPERIENCE

CUENTOS POPULARES Y AUTOCONOCIMIENTO EN LA FORMACIÓN DOCENTE: UNA EXPERIENCIA ESTÉTICA POSIBLE

Juliana Rodrigues
Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba/Paraná, Brasil

Tania Stoltz
Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba/Paraná, Brasil

Resumo

O artigo busca reconhecer os contos populares como experiência estética capaz de oportunizar autoconhecimento na formação de professores. Para isso, pretende examinar a problemática da experiência estética atual e investigar se, e de que forma, os contos populares e as relações entre autoconhecimento e experiência estética aparecem na literatura. O estudo conclui que reconhecer os contos enquanto experiência estética, relaciona-se à produção de subjetividade singular, conforme Guattari. De acordo com Steiner, os contos permitem vivências internas capazes de oportunizar o autoconhecimento e, portanto, ressignificar as relações dos indivíduos consigo e com o entorno.

Palavras-chave: Formação de professores; Experiência estética; Autoconhecimento.

Abstract

The article seeks to recognize popular tales as an aesthetic experience capable of providing self-knowledge in teacher training. To this end, it intends to examine the issue of current aesthetic experience and investigate whether, and how, popular tales and the relationships between self-knowledge and aesthetic experience appear in literature. The study concludes that recognizing the tales as an aesthetic experience is related to the production of singular subjectivity, according to Guattari. According to Steiner, the tales allow for internal experiences capable of providing opportunities for self-knowledge and, therefore, giving new meaning to individuals' relationships with themselves and their surroundings.

Keywords: Teacher training; Aesthetic experience; Self-knowledge.

RODRIGUES, Juliana; STOLTZ, Tania. CONTOS POPULARES E AUTOCONHECIMENTO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA POSSÍVEL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-20, junho, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Resumen

El artículo busca reconocer los cuentos populares como una experiencia estética capaz de aportar autoconocimiento en la formación docente. Para ello, se pretende examinar la problemática de la experiencia estética actual e investigar si, y de qué manera, los cuentos populares y las relaciones entre el autoconocimiento y la experiencia estética aparecen en la literatura. El estudio concluye que reconocer las historias como una experiencia estética está relacionado con la producción de subjetividad singular, según Guattari. Según Steiner, las historias permiten experiencias internas capaces de brindar oportunidades de autoconocimiento y, por tanto, redefinir las relaciones de los individuos consigo mismos y con su entorno.

Palabras clave: Formación de professores; Experiencia estética; Autoconocimiento..

Introdução

Nesta pesquisa investigamos os contos, na perspectiva proposta por Rudolf Steiner (2012), como dispositivos produtores de subjetividade singular de acordo com Félix Guattari (1995; 2005), no contexto de formação de educadores. Trata-se de investigar se a prática dos contos é capaz de produzir experiência (Larrosa, 2002) e, sobretudo, experiência estética que oportunize ao indivíduo a auto-observação e, portanto, o autoconhecimento, movimento favorável ao exercício de sua singularidade (Guattari, 1995).

Compreendemos que há uma relação entre os processos de subjetivação e a noção de autoconhecimento, no entanto, para que possamos contribuir com este debate, é preciso entendermos, primeiramente, como se dão os modos de constituição do indivíduo na contemporaneidade. Pretendemos uma abordagem do sujeito que trata a ideia de identidade com cautela, pois esta noção por vezes carrega um caráter classificatório e por isso mesmo, segregativo.

A constituição do sujeito em nossa abordagem, diz respeito ao arranjo de determinada formação social e histórica. Nesse aspecto, Deleuze e Guattari (2005) nos ajudam a compreender que a construção de si se relaciona diretamente ao

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

social. Para os autores, a constituição de territórios existenciais se dá, justamente, pela produção de subjetividade.

Quando falamos em subjetividade, tratamos do modo de produção de algo, segundo o filósofo e psicanalista francês, Félix Guattari (1995), produção de conhecimento, cultura, sensibilidade e sociabilidade. Conforme este autor, o C.M.I (Capitalismo Mundial Integrado), tem deixado de focar na mercantilização de bens para a mercantilização de signos, assim, cada vez mais a produção de subjetividade vem sendo o principal investimento de controle das sociedades capitalistas globalizadas. De modo que, sem nos darmos conta, nossos modos de viver, agir, sentir, pensar, estão tomados por automatismos, ou seja, em acordo com modelos de vida estabelecidos pelo capital.

O investimento na produção de signos na contemporaneidade favorece a experiência estética, que é subjetiva. Pensar a experiência estética na contemporaneidade é pensar sobre as formas de produção do sensível. Os meios de comunicação permitem uma produção e compartilhamento de signos que se proliferam a uma velocidade que parece incalculável. Aparentemente, as fronteiras entre arte e vida confundem-se e, embora esta sentença pareça animadora e frutífera, a estetização da vida, conforme nos diz Farina (2008), está longe de proporcionar uma existência criadora, pelo contrário, o investimento do Capitalismo Globalizado na produção de signos, comercializa modos de conduzir-se no mundo.

Um investimento que opera no campo subjetivo incide diretamente sobre a produção do desejo, e como consequência de um querer mercantilizado, vemos e experimentamos existências como expressões de modelos identitários. Compreendemos, portanto, que nos contextos formais de educação, deve haver uma preocupação com a vontade, com o direcionamento subjetivo que se investe sobre o desejo. Neste sentido, podemos convocar Steiner (2000), quando este autor nos propõe pensar em uma autoeducação para a liberdade. Nesse conceito reconhecemos a ressonância com a noção de singularidade em Guattari, e a própria ideia de autoconhecimento, pois vemos aí uma preocupação sobre como conduzir-se no mundo de maneira autônoma e autorreferenciada.

Entendemos que os processos formativos, além de estarem inseridos em um regime disciplinar (Foucault, 2014), parecem privilegiar a ideia de uma educação puramente intelectual, o que nos faz pensar que há dimensões ausentes

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

nesta formação. Por isso, assinalamos a necessidade de uma formação integrada que avance para além do paradigma intelectual.

Conforme nos diz Larrosa (2002), existe um saber que está no campo da experiência, para este autor, a experiência é aquilo que nos afeta, que nos atravessa e, portanto, nos transforma. A experiência que uma estratégia formativa, que se volta a uma auto-observação, pode proporcionar, diz respeito a certo exame de consciência, ao autoconhecimento. Nesse sentido, é que propomos pensar o desenvolvimento humano que, diante do atual cenário da educação formal, deve diferenciar-se por uma práxis que oportunize que o indivíduo desperte o que de único ele possui, ou seja, à medida em que experimenta sua existência, descobre e passa a vivê-la em direção ao que o entendemos como liberdade (Steiner, 2000) ou singularidade (Guattari, 1995). A partir dessa ideia, ainda que as demandas sociais dominantes possam trabalhar no sentido de laminar o que este indivíduo possui de singular, ele resiste.

Investigamos assim, os contos populares enquanto estratégias estéticas que possam contribuir para uma experiência rumo ao autoconhecimento de professores à medida que suspendem, ainda que temporariamente, a ordem dos sentidos habitualmente experimentados. Pois, em que momento da nossa jornada consideramos a imaginação como um exercício exclusivo do universo infantil?

Steiner (2012) nos diz que as fontes profundas dos contos populares surgem da índole de um povo, trata-se da jornada que é viver sua própria existência no mundo. Segundo Lanz (1990), nas grandiosas imagens presentes nos contos, encontramos princípios diretores da evolução humana, e que, para Steiner (2012), se expressam no inconsciente, local que, para Guattari, é justamente onde se dá a produção subjetiva (1995). Em nossa perspectiva, vemos nos contos uma estratégia virtualmente inesgotável, uma experiência que se atualiza à medida que é reativada e, embora tenha sido vivenciada por mais de uma pessoa, segundo a noção de Larrosa (2002), cada qual fará uma experiência particular daquilo.

Em vista disso, no contexto formativo de educadores, nos questionamos se é possível que a prática dos contos seja capaz de interromper, ainda que temporariamente, a ordem dos sentidos habitualmente experimentados? De produzir vetores de subjetivação que escapem dos recursos semióticos

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

dominantes no capitalismo globalizado, dos modos de vida padronizados, possibilitando uma reinvenção da relação entre subjetividade e formação? É possível que a experiência vivenciada nos contos seja capaz de desvendar e dissolver algumas das sedimentações que sujeitam os educandos, e neste caso, futuros educadores, a automatismos, que os condicionam, prendendo-os a hábitos e repetições limitantes das possibilidades de ação e criação e, portanto, de sua própria potência de existir? Em suma, nos questionamos se os contos populares podem ser compreendidos como desencadeadores de experiência estética capazes de avançar ao autoconhecimento?

Temos como objetivo, portanto, identificar a possibilidade de reconhecer os contos populares enquanto experiência estética capaz de oportunizar autoconhecimento na formação de professores. Nesse sentido, como objetivos específicos, pretende-se investigar a problemática da experiência estética atual; examinar se a temática do autoconhecimento se expressa na literatura sobre formação de professores; investigar se, e de que forma, os contos populares aparecem na literatura sobre formação de professores e, por fim, investigar na literatura se há indícios de possíveis relações entre o autoconhecimento e a experiência estética.

A constituição de si e os investimentos no campo do sensível

A ideia de autoconhecimento aproxima-se da noção de identidade, esta última, no entanto, confere ao indivíduo certa rigidez. Compreendemos que o autoconhecimento é capaz de desfazer noções identitárias e, por isso mesmo limitantes. Não assimilamos, portanto, a noção de indivíduo e de sujeito à noção de identidade.

A escolha do referencial teórico aqui trabalhado, diz respeito a uma compreensão desta problemática que se afina com o conceito de singularidade (Guattari, 1995). A constituição de modos de existência acontece continuamente por processos de subjetivação na interação e afetos sofridos quando da experiência do indivíduo com o mundo. Pensemos no sujeito enquanto consumidor de subjetividades, um sujeito que se constrói a todo momento por atravessamentos

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

diversos, ou seja, pelo campo de forças provenientes do contexto em que está inserido.

Nesse sentido, com Guattari (1995), é possível entender a constituição do sujeito como um processo denominado heterogênese: uma constante constituição e, ao mesmo tempo, invenção de si por meio de agenciamentos diversos, pois "um indivíduo sempre existe, mas apenas enquanto terminal; esse terminal individual se encontra na posição de consumidor de subjetividades". (Guattari, 2005, p.41).

Em sua compreensão das obras de Nietzsche e de Foucault, Deleuze (1992) nos diz que a subjetivação é algo que está entre o poder, com suas regras coercitivas, e o saber com suas formas determinadas.

> Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência (...) é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder. (Deleuze, 1992, p. 123).

Para Deleuze, a constituição de modos de existência é ética, pois em oposição à moral trata de regras facultativas, e é também estética pois envolve um estilo, ou seja, a invenção de uma possibilidade de vida, motivo pelo qual o autor sugere considerarmos a ideia da vida como obra de arte.

No entanto, por mais produtiva e animadora que pareçam essas colocações, a preocupação de Deleuze e de outros filósofos que sintonizam com suas teorias, é a de que estamos distantes da ideia de uma existência criadora; pelo contrário, a partir do momento em que há uma captura dos modos de subjetivação por instâncias disciplinadoras, elas comercializam, além de bens materiais e signos, modelos de existência, e o que se vê, nas palavras de Deleuze (1992, p.172), são "catalepsias ou uma espécie de sonambulismo (...) é isto que a maioria das vidas comporta".

Portanto, se ainda nos interessa o avanço à problemática identitária, é preciso que consideremos a pertinência que o investimento simbólico representa para os modos de constituição de si. Deleuze (1992) nos ajuda a compreender que os signos tratam de modos de vida, possibilidades de existência, e que o inconsciente tem sido local de investimento simbólico. Este investimento simbólico

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

caracteriza experiência estética, o que evidencia a urgência de seu questionamento (1992, p.189): “Quais são os processos modernos que estão em vias de produzir subjetividade?”, bem como de sua própria colocação de que não há Estado democrático que não esteja em total comprometimento na fabricação de miséria humana. Conforme o filósofo, é preciso que se criem linhas de fuga, e os movimentos artísticos é que andariam nesse sentido.

> A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha. Mas o povo não pode se ocupar de arte. Como poderíamos criar para si e criar a si próprio em meio a abomináveis sofrimentos? Quando um povo se cria, é por seus próprios meios, mas de maneira a reencontrar algo da arte (...) ou de maneira que a arte reencontre o que lhe faltava. (Deleuze, 1992, p.215).

Se quisermos novos modos de conduzir-se no mundo, é preciso estarmos conscientes de que esta operação exige novas maneiras de enxergar a si, estas por sua vez, só podem acontecer pela emancipação, ou seja, por alguma libertação, do consumo de produtos existenciais capitalísticos a que estamos submetidos na contemporaneidade.

Desenvolvimento da consciência e experiência estética: caminho para o autoconhecimento

Reconhecemos as dificuldades em conceituar com exatidão a ideia de autoconhecimento, visto que ela tangencia tanto uma esfera própria da educação, quanto relaciona-se a uma dimensão existencial que se aproxima da psicologia, e porque diz respeito, ainda, à dimensões que dialogam com as esferas da espiritualidade. Diante disso, tratar de algum conhecimento sobre si não implica quaisquer intenções de localizar e, por isso, territorializar noções que o indivíduo possa cultivar sobre si, pelo contrário, a ideia de autoconhecimento com a qual buscamos aproximação, relaciona-se com o abandono de noções cristalizadas sobre si, diz respeito ainda, ao conhecimento da atividade desejante que o indivíduo exerce durante sua existência.

Nesse sentido, Steiner (2000) se dedica a investigar os aspectos imateriais da realidade que permitem examinar o pensar, ponto de partida mais fundamental

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

para a compreensão do mundo para além de uma postura passiva. À medida que este pensar é vivenciado de maneira genuína, é possível que a vontade seja impulsionada a partir de uma ética que é individual.

A busca por compreender como a consciência se expressa parte da observação do pensar. A observação exige um movimento e o pensar outro, no entanto, para além desta dicotomia está a observação do pensar, sendo a autopercepção o exercício que poderá nos levar ao autoconhecimento.

O pesquisador Bach aponta para o fato de Steiner ter descrito um conjunto de práticas meditativas que se baseiam em um processo de educação de sua própria atividade reflexiva.

> A auto observação do pensar pode ser designada como uma experiência imaterial, elevando a consciência do sujeito a um nível mais intenso, possibilitando a vivência do processo que configura dinamicamente a consciência. O pensar vivenciado não luta contra autoridades externas, nem sofre coações de qualquer natureza, pois não há submissão alguma. Uma vez engendrada sua atividade, necessita ser reativada e assim, paulatinamente, se tornar capacidade adquirida através de um processo de educação que o próprio sujeito empreendeu. (Bach, 2015, p.4).

Neste contexto, Faryna (2010) nos coloca diante da perspectiva dos próprios filósofos da diferença, de olhar para a experiência estética como uma forma de cuidado e auto reflexão, pois são as

> (...) experiências estéticas que desestabilizam aquilo que somos capazes de viver, ver e dizer sobre nós mesmos e nossas práticas, sejam elas existenciais, docentes, intelectuais, etc. Isso concerne à produção de um saber sobre a própria experiência: sobre as formas de relação mediante as quais alguém pratica, entende e excede sua própria experiência. (Faryna, 2010, p. 6).

Quando, em nossa pesquisa, nos interessamos por interrupções no campo do sensível, sobre refletir sobre o próprio pensar, sabemos que estas práticas carregam o potencial de ressignificar, ainda que momentaneamente, a própria experiência de estar no mundo, esta premissa nos aproxima cada vez mais da noção de autoconhecimento. Compreendemos que práticas que operam no campo

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

da sensibilidade são buscas alternativas para os paradigmas, sobretudo ocidentais e capitalísticos, vividos em um contexto de globalização.

Uma postura consciente diante da própria existência relaciona-se, portanto, a uma dimensão ética, pois diz respeito a conduzir-se no mundo de maneira autorreferenciada. Entendemos que cultivar uma consciência sobre si é um processo de conhecer-se, daí a importância de se olhar para a experiência estética como estratégia capaz de oportunizar, também, experiências de interiorização.

Duarte Júnior (2000 p.153) nos ajuda a compreender o sentido da experiência estética e a importância de reflexionar sobre como o campo do sensível está em jogo na produção de subjetividade na contemporaneidade, tanto na vida quanto na arte. Para o autor, há uma diferença entre dados sensórios simples como estímulos que se nos apresentam pelo ambiente, como a luz, as cores, aromas e texturas, e os estímulos artísticos. Estes últimos, dotados de uma configuração mais complexa e articulada com os dados sensórios, carrega o potencial de produzir experiências estéticas, ou seja, uma vez que sejam portadoras de um sentido, podem se apresentar como ferramenta que dialoga com a inteireza das experiências humanas, podem tratar da vida, morte, alegria, sonhos, fatalidades e tantas outras dimensões complexas.

Quando tratamos de produção e experiência do sensível entendemos que são categorias advindas da experiência estética. Sabemos que existem diferentes campos científicos que se dedicam a compreender e conceituar estética, seja na psicologia, na arte ou filosofia, há um constante interesse neste conceito. Na antiguidade grega a noção de beleza não estava associada à estética, a noção do belo não fazia parte dos conceitos associados aos trabalhos realizados por humanos, como a arte, por exemplo, estas, eram afeitas à noção de poética, já o belo, era associado a noções divinais do bem. Somente em torno de 1750 é que Kant popularizou a associação entre beleza e estética com o sentido que hoje compreendemos. (Duarte Júnior,1998, p.8).

Quando se conduz a consciência a espaços antes desconhecidos, segundo o autor, ela se porta de maneira também distinta, diferente da usual, a percepção sobre as coisas do mundo deixa de ser utilitária e passa a ser estética. Conforme Duarte Júnior (1998, p.55) a arte, “serve para ser fruída, desfrutada, serve para despertar em nós a consciência e a vivência de aspectos do nosso sentir, com

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

relação ao mundo". Nesta afirmação, vemos que a experiência com os objetos artísticos que sugere Duarte Júnior, coaduna-se com o que se vive na ocasião dos contos onde evoca-se as dimensões de contemplação e fruição produzidos pelo próprio imaginário.

Um estudo publicado por Blasco (2015), evidencia as relações entre estética e educação formal, neste caso, trata-se de uma educação pela estética. Para o autor, aprender através da estética estimula a reflexão dos sujeitos envolvidos em situações de aprendizagem.

> Em culturas antigas, como Grécia clássica, a arte de contar histórias era frequentemente usada para ensinar ética e valores humanos. As histórias são uma solução razoável para o problema de que a maioria das pessoas, especialmente as pessoas jovens, só podem ser expostas a uma gama limitada de experiências de vida. Narrativa, teatro, literatura, ópera e cinema têm a capacidade de complementar os aprendizes à compreensão do amplo universo da experiência humana. Exposição à experiência de vida, ou a outras vivências através da história, fornece o que Aristóteles chamou de catarse. (Blasco, 2015, p.3).

Na perspectiva do autor, a catarse carrega o potencial não apenas de "lavar" os sentimentos contidos na alma, mas também implica em um processo de organização e sentido das emoções, pois, na ordem habitual dos sentidos experimentados, as vivências internas da pessoa podem estar armazenadas de maneira desordenada onde não se pensa sobre elas, neste sentido "a catarse ajuda a esvaziar gavetas emocionais e reorganizá-las de maneira que proporcionem uma agradável sensação de ordem e alívio" (Blasco, 2015, p.4). Para Blasco, quando se incorpora, estrategicamente, as histórias e narrativas no processo ensino-aprendizagem, os processos que daí emergem facilitam uma compreensão empática e fluída no contexto da aprendizagem como um todo. Neste sentido, os professores também desenvolvem suas habilidades de ensino pelo exercício de uma constante auto avaliação e reflexão, o que, em nosso entendimento, nos aproxima da ideia de autoconhecimento.

Assim, uma educação tecida pelo campo do estético, demanda uma suspensão dos sentidos, uma pausa, uma interrupção, vemos neste momento que

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

oportunizar estas interrupções operantes no campo do sensível reificam uma oposição entre anestesia e estesia, pois, se o direcionamento da sensibilidade no C.M.I imobiliza e, portanto, anestesia, somente linhas de fuga que operam na suspensão de uma existência imóvel podem caminhar rumo a experiência estética e essa, por sua vez, para produção de mobilidade, de subjetividade singular que, por si só, é formadora.

Além de Blasco, podemos mencionar ainda o estudo desenvolvido por Stoltz e Weger (2015) que evidencia como, na formação de professores, o desenvolvimento de experiências que operam no campo do sensível podem trazer dimensões até então desconhecidas àqueles que a vivenciam. O estudo de caso realizado durante um seminário da Pós-Graduação em educação, que envolvia mestrandos e doutorandos, dedicou-se a estudar a obra a *Filosofia da Liberdade* de Rudolf Steiner. Durante um semestre, a partir da leitura e discussão dos textos, os participantes foram convidados a desenvolver, também, atividades artístico-criativas relacionando os temas trabalhados às suas próprias vidas. Conforme os pesquisadores, a vivência trazida pelo seminário estimulou o desenvolvimento de uma interioridade intencionada, ou seja, pensar em relação à própria existência e ao fazê-lo, buscar um sentido.

Diante disso, propomos que nossa discussão se oriente partindo do seguinte raciocínio, se a experiência estética, ela própria, engendra-se pela suspensão dos sentidos habituais, ela requer uma abertura práxica para que haja a contemplação. Isso não significa passividade, muito pelo contrário pois, sabemos, ela convoca o exercício do sensível em diferentes níveis da vivência interna do indivíduo. Uma postura contemplativa, por sua vez, se faz concomitantemente ao exercício de observação e, conforme vimos até aqui, convoca-se também a dimensão de auto-observação, caminho possível para o autoconhecimento. Entendemos que no cultivo das vivências internas é que se engendram as possibilidades de uma reflexão sobre si.

Contos populares: objeto artístico imaterial

O filósofo e educador austríaco, Rudolf Steiner (2012), refere-se aos contos populares como contos autênticos, e de fato há uma fundamental diferença entre

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

estes e os contos mais modernos. Pavoni (1989, p.13) utiliza a própria história de Pinóquio, que é bastante popular, como exemplo de um apelo à moralidade pura e simplesmente: “Não gosto de Pinóquio. (...), o que fica é a moral da história: não se deve cabular aula senão ficamos uns burros e deixamos o vovô (a família) preocupado conosco.”. A autora, assim como Steiner, reconhece a riqueza dos contos folclóricos, cujas origens confundem-se com o mito e perdem-se no anonimato. Muito embora parte da literatura trate os contos populares como contos de fada, aqui, os entendemos enquanto contos populares, ou, na perspectiva proposta por Steiner, como contos autênticos.

Há, nos contos populares, a dimensão que procuramos nesta pesquisa, a dimensão artística. Sabemos que é possível que haja experiência estética sem que, para isso, precisemos estar diante de um objeto dito artístico; indo ainda adiante, enxergamos os contos, não como um acontecimento não-artístico, mas justamente um objeto artístico imaterial que se constrói na experiência de cada um.

> O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias - o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico (...) se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte. Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte" integralmente compreensíveis (...), como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. (Bettelheim, 2002, p.11).

Pavoni (1989, p.17) levanta a mesma preocupação que Bettelheim ao afirmar que se a arte tem a capacidade de trabalhar conteúdos inconscientes, trazendo-os à consciência, qual a diferença dos contos e dos mitos em relação a outras formas artísticas? A autora mesma responde dizendo que a diferença é que os contos descrevem simbolicamente a nossa história interna, nosso processo de individuação.

Duarte Junior (2000, p. 141) nos diz que a experiência estética constitui um precioso elemento na maturação e desenvolvimento do cérebro humano e na

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

atuação perante a vida, e que, a ficção, a imaginação daquilo que ainda não é, mas poderia ser, consiste numa das mais eficazes ferramentas de que se dispõe a humanidade para a criação do saber, e ainda, coloca a importância dos mitos, das situações e dos seres criados pela imaginação humana, na medida em que se dirigem diretamente ao corpo - em sua noção ampliada, como vimos anteriormente – ou seja, à nossa sensibilidade, podendo nos propiciar melhores condições para sentir, interpretar, e compreender o mundo no qual existimos.

Assim, o exercício de imaginação ativa que o ouvinte acaba por engajar-se na ocasião dos contos, cria as imagens de acordo com seu repertório existencial e oportuniza a experiência estética.

> (...) existe na alma algo idêntico à fome no organismo. E assim como precisamos de algo para saciar a fome, também precisamos de algo para essa atmosfera indefinida que se origina da vivência que jaz no fundo da alma. Então, sentimo-nos impelidos a buscar um conto de fadas disponível, ou um mito, (...) . Esse preenchimento consciente da alma com imagens de contos de fadas é seu alimento diante da fome que foi caracterizada. (Steiner, 2012, p.21).

Steiner nos diz ainda que as fontes profundas dos contos surgem da índole de um povo e dizem respeito às vivências comuns à toda a humanidade. Trata-se da jornada que é viver sua própria existência no mundo.

Assim, tratamos do autoconhecimento por entendermos que diante da experiência estética promovida pelos contos, há a capacidade de trazer uma outra qualidade de atenção à consciência e que, neste movimento, há algo que se desterritorializa em uma existência que, porventura, possa estar reificada e, por isso mesmo, paralisada por modelos prontos. Consideramos pensar sobre o autoconhecimento por entendermos que esta descoberta sobre si não localiza nem coloniza, mas pelo contrário, é capaz de deixar ir algo que não nos pertence ao passo que nos ilumina a caminhos antes desconhecidos de nossa jornada interior e, consequentemente, no modo que nos conduzimos diante do mundo.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Revisão de literatura

Conforme Koller (2014, p. 55), buscamos investigar na literatura científica estudos empíricos que revelassem dimensões sobre a possibilidade de reconhecer os contos populares enquanto experiência estética capaz de oportunizar autoconhecimento na formação de professores.

Constatamos que não há, na literatura sobre formação de professores, artigos que relacionem os contos populares à noção de autoconhecimento. Assim, buscamos examinar se na literatura sobre formação de professores, a temática do autoconhecimento se expressa, e se há indícios de relações entre autoconhecimento e experiência estética.

Optamos, em todas as bases, pela opção de busca avançada utilizando os seguintes critérios: Artigos produzidos nos últimos dez anos; apenas publicações revisadas por pares; publicações com o texto completo disponível nos idiomas, espanhol, inglês e português.

Quadro 1: Ocorrências de buscas.

BASE DE DADOS	LEITURA FLUTUANTE (Título, e/ou palavras-chave)	BUSCA NOS RESUMOS (Ações oportunizadas ao professor em formação)	BANCO DE DADOS FINAL
ERIC: 16	05	0	02
PePSIC: 0	0	0	
Periódicos CAPES: 373	09	02	
PsycINFO: 01	0	0	
SciELO: 67	11	0	

Fonte: a autora (2019).

Diante dos resultados obtidos, trazemos o estudo elaborado por CYRINO (2016), que traz a noção do autoconhecimento relacionada à formação de professores. No entanto, embora a pesquisa de Cyrino seja um estudo empírico,

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

com depoimentos dos participantes contidos nos resultados, as práticas direcionadas ao autoconhecimento estavam distantes da ideia de uma experiência estética, a tessitura onde as experiências de autoconhecimento se deram estavam mais próximas a um dialogismo entre seus pares que a experiências no campo do sensível e da auto-observação, territórios com os quais buscamos proximidade.

Em seguida, com Quintero (2011), vemos, em primeiro lugar, o reconhecimento que a problemática da subjetividade, abordada especialmente pela ótica de Foucault, representa para a sociedade como um todo, e especialmente, para os professores em formação. A autora tem como sugestão as práticas realizadas em seu estudo, que, nas palavras dela, podem educar a subjetividade. A pesquisadora realizou e pontuou cinco estratégias em seu artigo. São elas, a prática de uma escrita autobiográfica; de conversas entre os pares; de uma escrita pessoal; da produção de cartas endereçadas a outros professores em formação e por fim, a problematização de alguns temas, ocasião onde se vincularam textos, ideias e ações em torno de uma mesma questão a fim de criar e viabilizar práticas outras sobre um mesmo problema. Segundo a autora, as estratégias acima citadas poderão contribuir para um cultivo de si, e para o autoconhecimento, consequentemente. Neste caso, assim como no artigo de Cyrino (2016), há a preocupação com o autoconhecimento, no entanto, a experiência estética não está, propositadamente, contemplada nas estratégias utilizadas pela autora. Isso não quer dizer que não há validade nestas práticas, mas que, apenas, não contemplam a dimensão estética a que intentamos neste estudo.

Diante das buscas realizadas até este momento, não se pode deixar de notar que os artigos que não atenderam aos critérios de inclusão, em sua maioria, diziam respeito a professores já em exercício de sua função, muitos deles tratando do autoconhecimento como ferramenta capaz de otimizar seu desempenho em sala de aula. Outros, trazem ainda dados biográficos de professores como histórias de vida capazes de traçar um panorama comum entre seus pares que vivenciam cotidiano semelhante. Surgem ainda estudos sobre como os professores podem conduzir práticas que promovam autoconhecimento aos estudantes. E quando traziam os contos, tratavam-nos como mera ferramenta para ensino de crianças, de um segundo idioma, ou o conto como forma literária lúdica, dentre outros.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Relações com eficácia, desempenho, valor utilitário da prática educativa do professor em exercício e mesmo questões relacionadas a resiliência e entusiasmo também apareceram.

Constatamos que, até o momento, não há expressiva ocorrência da temática do autoconhecimento aliada à formação de professores, tampouco a associação entre a ideia de autoconhecimento com as experiências estéticas. Tampouco pudemos observar que a temática do autoconhecimento apresenta uma definição consistente na literatura, com isso, parece urgente explorar este campo na educação, sobretudo quando observamos o crescimento de práticas de inovação que evidenciam sua pertinência no contemporâneo.

Pudemos ainda observar que os contos populares também não aparecem na formação de professores. A literatura recente continua a associá-los ao universo infantil somente. A busca sistematizada evidenciou a carência de publicações sobre o tema, e a emergência de se pensar a formação de professores a partir de uma ótica que privilegie a experiência estética e o autoconhecimento.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou traçar uma linha de raciocínio a partir de pressupostos teóricos e conceituais que, em suas respectivas naturezas complexas, pertencem a léxicos distintos em seus pressupostos. No entanto, diante do contemporâneo em que vivemos, enxergamos neles possíveis conexões capazes de nos impulsionar a viver a contemporaneidade em nossa existência de maneira o mais singular (GuattarI, 1995, 2005) e livre (Steiner, 2000) possível.

A revisão de literatura nos apresentou a possibilidade do reconhecimento dos contos populares enquanto experiência estética capaz de oportunizar autoconhecimento na formação de professores. Somando os esforços obtidos pela investigação das problemáticas identitárias abordadas por Foucault (2014), Guattari (1995, 2005) e Deleuze (1992, 1995, 1996), compreendemos que a experiência estética tem sido objeto de investimento e controles sutis nos processos de vir a ser do indivíduo, o que influencia na maneira como este conduz sua existência diante do mundo. A brecha enxergada pelos autores para que haja

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

processos de singularização, é justamente criada pela possibilidade de um investimento na experiência estética, ou seja, na produção subjetiva, que seja singularizante. Neste conceito, vemos a ressonância com o que nos diz Steiner (2000) em relação à ideia de liberdade, trata-se de viver sua própria existência a partir de um individualismo ético.

No entanto, para que os modos de ser sejam singulares, é necessário que se criem interrupções na ordem dos sentidos habitualmente experimentados. Neste ponto, pudemos entender que a concepção sobre contos autênticos proposta por Steiner (2012), configura-se como experiência estética.

Caminhando neste sentido, com Duarte Júnior (1981, 1998, 2012) vemos que a experiência estética oportuniza interrupções nas maneiras de perceber a si e o mundo, assim, é capaz de trazer consciência sobre si e, portanto, autoconhecimento.

Embora a produção científica recente ainda não tenha se debruçado suficientemente sobre as relações entre autoconhecimento, experiência estética e os contos na formação de professores, consideramos que a literatura levantada até aqui nos fornece as bases para um aprofundamento destas relações além de subsídio teórico para uma futura pesquisa empírica, dado o ineditismo de pensar os contos no trabalho com adultos, sobretudo, na formação de professores.

Sugerimos portanto, diante de toda literatura levantada em seus diferentes vieses, tanto no que diz respeito a como se oferta hoje a subjetividade e a experiência estética em um contexto de capitalismo globalizado, tanto sobre como a história da arte estabelece em seu desenrolar suas relações com a experiência estética e o grande público, ou ainda sobre os estudos que se dedicaram à prática milenar da contação de histórias, que olhemos para essas relações buscando, não apenas a sua compreensão a nível intelectual. Mais do que isso, que a discussão sobre o cultivo de uma consciência sobre nossa existência pela estesia possa enriquecer nosso universo particular e, consequentemente, contribuir para trazer à tona novos modos de estar no mundo que sejam conscientes e, portanto, sensíveis. O engajamento no cultivo de uma outra qualidade de relação consigo deverá ser transformador, também, diante do outro e do mundo. (STOLTZ; WEGER, 2015)

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Neste sentido, concluímos que reconhecer os contos enquanto experiência estética, relaciona-se à produção de subjetividade singular, aqui compreendida como possibilidade de interrupção no campo dos sentidos habitualmente experimentados, conforme Guattari e Duarte Júnior. A experiência com os contos, de acordo com Rudolf Steiner, apresenta-se como possibilidade de experiência estética pois, na interrupção da ordem habitual dos sentidos, permite vivências internas capazes de oportunizar o autoconhecimento e, portanto, ressignificar as relações dos indivíduos consigo e com o entorno.

Referências:

BACH JUNIOR, Jonas. Intuitive thinking as the foundation of education toward freedom. **Educ. rev.** Curitiba, v.1, n.56, p.131-145, abr/jun, 2015. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/pdf/er/n56/0101-4358-er-56-00131.pdf]. Acesso em: 01 de jun. 2017.

BLASCO, Pablo González. et al. A. Education through movies: Improving teaching skills and fostering reflection among students and teachers. **Journal for learning through the Arts,** California, v. 11, n.1, 2015. Disponível em: [https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1086983.pdf]. Acesso em: 26 de jul. 2017.

CYRINO, Márcia Cristina de Costa Trindade. Mathematics Teachers' Professional Identity Development in Communities of Practice: Reifications of Proportional Reasoning Teaching. **Bolema,** Rio Claro, v. 30, n.54, p.165-187, abr. 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/bolema/a/sTfV4kwdKx3s3TwYKMjM8MQ/?lang=en]. Acesso em: 12 de dez. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: Editora 34. 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. V. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. V. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez, 1981.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é beleza?.** 3ªed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que Arte-Educação?**. 22ªed. Campinas: Papirus, 2012.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: A educação (do) sensível.** 2000. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual. *31ª* **Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, 2008. Disponível em: [http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/ge01-4014--int.pdf]. Acesso em: 02 abr. 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GUATTARI, Félix. **As três Ecologias**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 1995.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** Cartografias do Desejo. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

KOLLER, Sílvia H; PAULA COUTO, Maria Clara de; HOHENDORFF, Jean Von. **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf:** caminho para um ensino mais humano. 5ª ed. São Paulo: Antroposófica, 1990.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência – **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr de 2002. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt]. Acesso em: 23 jul. 2017

PAVONI, Amarilis. Os Contos e os Mitos no Ensino: **Uma abordagem junguiana**. 1ªed. São Paulo: E.P.U., 1989.

QUINTERO, Martha Elena Baracaldo. La subjetividad en la formación de maestros. **Nómadas**, Bogotá, n.34, p.247-259, mar, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502011000100017]. Acesso em: 18 jan. 2019.

STEINER, Rudolf. **A filosofia da liberdade**: Fundamentos para uma filosofia moderna. São Paulo: Antroposófica, 2000.

STEINER, Rudolf. **Os contos de fadas**: sua poesia e sua interpretação. 2ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2012.

STOLTZ, Tania; WEGER, Ulrich. O pensar vivenciado na formação de professores **Educar em revista**. Curitiba, nº56, p.67-83, abr/jun. 2015. Disponível em:

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

[http://www.scielo.br/pdf/er/n56/0101-4358-er-56-00067.pdf]. Acesso em: 22 jul. 2016

Recebido em:22/11/2024 .
Aceito em: 07/01/2025 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Juliana Rodrigues
Doutora e Mestre em Educação na linha de Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Licenciada em Artes Visuais por esta mesma instituição. Investiga os processos de formação na educação, considerando as relações entre ética, experiência estética, decolonialidade e a constituição de si no contemporâneo.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3189-6471
E-mail: jurodrigues.jurodrigues@gmail.com

Tania Stoltz
Bacharel em Pedagogia pela Universidade Tuiuti, Paraná (1987), Bacharel em Educação Artística pela Faculdade de Educação Musical do Paraná (1984). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1992). Doutora em Educação (Psicologia Educacional) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Pós-Doutorado pelos Archives Jean Piaget, Suíça (2007), Pós- Doutorado pela Alanus Hochschule, Alemanha (2012) e Pós-Doutorado pela Witten-Herdecke Universität (2024). Professora Titular na Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do acordo de cooperação científica entre a UFPR e a Alanus University em Alfter, Bonn (Alemanha), desde 2008. Bolsista Produtividade do CNPq.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9132-0514
E-mail: tania.stoltz795@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/